

MULHER E NATUREZA N’O SANTO INQUÉRITO, DE DIAS GOMES

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelosⁱ (UEPB)
Prof^a. Zélia Monteiro Bora, PhDⁱⁱ (UEPB)

Resumo:

Desde os primórdios das civilizações, a imagem da mulher e da natureza interrelacionam-se através de papéis como provedoras e mães. De igual modo, mulher e natureza vêm sendo consideradas, na sociedade contemporânea, como oprimidas e passíveis de dominação pelo essencialismo do discurso de ideologia patriarcal, incorporado por instituições e espaços de poder. Em resposta à essa forma discursiva, o ecofeminismo propõe uma perspectiva distinta que faz a retomada da subjetividade tanto da mulher quanto da natureza. O Santo Inquérito (1966), obra de Dias Gomes, traz em sua narrativa, a vida de uma jovem judia chamada Branca Dias. Na obra, evidencia-se a semelhança de tratamento cultural discriminatório, expresso através da mulher e da natureza respectivamente. Embora as ações remetam a um fato cuja repercussão encontra-se associada à aspectos relacionados à Inquisição portuguesa, as estruturas de opressão de gênero antecedem este modelo de opressão cultural. No que se refere à natureza, ela é vista representada como um atributo inferior, sendo portanto negada toda a sua subjetividade. Ao associarmos a mulher e a natureza somam-se todos esses antagonismos. Desse modo, a presente discussão visa debater as representações da mulher e da natureza, a partir de uma leitura ecofeminista.

Palavras-chave: feminismo, natureza, ecofeminismo.

1 Introdução

As marcas de opressão da sociedade patriarcal em relação as mulheres e a natureza mudam apenas nas localidades, mas se consolidam de formas semelhantes. A história denuncia a referida prática ao longo dos séculos. Assim, nos dias atuais, a opressão ainda se faz presente, todavia, são fortes e atuantes os grupos sociais que levantam bandeira e lutam em prol de uma maior igualdade entre gêneros, etnias, bem como respeito a natureza e aos demais ‘outros’.

Para discutir a temática do feminino e da natureza sob a opressão da sociedade patriarcal, propomos uma análise dos fatos presentes na obra O Santo Inquérito, de Dias Gomes.

A supramencionada obra resgata o período inquisitorial, nela é trazida a história de Branca Dias, uma cristã nova que vive uma relação bastante íntima com a natureza e que durante o desenvolver do enredo, em certos momentos, é compreendido pelo Padre Bernardo como sendo um ato de heresia.

O aludido religioso aparece na vida da jovem após a mesma salvá-lo de um

afofamento, por meio de respiração boca a boca. Após o ocorrido, o sacerdote insiste em retribuir o auxílio a ele prestado. Observa-se com o desenvolver da peça que o religioso encontra-se atraído/encantado pela beleza da jovem moça. O sacerdote não consegue tirá-la da mente. Diante o viver natural, sem amarras sociais, da jovem, o sacerdote eivado de instintos divergentes da sua condição passa a nutrir sentimentos carniais em relação a Branca Dias, desejos obsessivos.

Não podendo concretizar os seus anseios, o sacerdote passa a buscar na conduta de Branca Dias elementos para considerá-la herege. A atribuição de tal qualificação gerava perante o indivíduo inúmeras restrições sociais, religiosas e políticas. A partir da propagação dos feitos heréticos, Branca Dias passa pelo Tribunal do Santo Ofício, tendo por advogado o sacerdote que a levava para o local em que se encontrava. Mantendo uma dualidade permanente, o sacerdote acaba por deixar que a jovem seja condenada, após sucessivas opressões de ordens ligadas a gênero e traço ideológico/filosófico.

A condenação de Branca Dias gera uma ‘transferência de culpa’ do sacerdote para a jovem. Em momento algum da obra fica visível características heréticas da personagem, observa-se, a todo momento, um olhar malicioso e dúplice do sacerdote em relação a todo e qualquer movimento/ato/ação praticada pela protagonista.

Qualquer relação com a natureza exercida por Branca Dias é nomeada pelo sacerdote como sendo atos derivados de cultos proibidos. Todos os elementos mencionados que estabelecem relação com a natureza são apresentados como nocivos. Vemos aqui uma opressão do natural devido a uma visão religiosa que se põe acima das demais.

2 O Feminismo e O Ecofeminismo

A perspectiva de análise que trazemos para a discussão é a adotada inicialmente pela teoria feminista e que depois deságua na teoria ecofeminista.

A teoria feminista com enfoque na literatura se solidifica a partir dos anos 70 do século XX. Traz consigo um ideário de luta contra o regime do patriarcado, um regime de opressão as mulheres em todos os seguimentos da sociedade, discutindo questões ligadas desigualdade entre os gêneros – masculino e feminino -, bem como, as suas relações de poder. A referida teoria propõe o fim da discriminação, da opressão e das marcas do patriarcado na sociedade contemporânea.

Como vertentes dessa opressão feminina, PERROT (2003) destaca elementos de fundamental importância para a análise do presente estudo. No estudo em questão, a autora destaca as marcas de silêncio que se fazem presentes no corpo da mulher. Ressaltamos aqui algumas passagens, inicialmente quanto ao corpo em si e posteriormente quanto a influência da religião para esse silenciamento:

O peito, as pernas, os tornozelos, a cintura são, cada qual por sua vez, objeto de censuras que traduzem as obsessões eróticas de uma época e se inscrevem nas imposições da moda. Os cabelos, signo supremo da feminilidade, devem ser disciplinados, cobertos, enchapelados, por vezes

cobertos com véu. (PERROT, 2003, p.15).

(...)

Os padres da Igreja rejeitam a sexualidade e a carne como impuras e corruptoras. Só a procriação justifica a cópula, sendo a castidade superior ao matrimônio, mesmo o cristão. A mulher é assimilada ao pecado: uma tentadora da qual é mister se defender, reduzindo-a ao silêncio: velando-a. (PERROT, 2003, p. 21).

Os destaques feitos por PERROT (2003) encaixam-se de forma perfeita ao estudo que se segue.

A teoria ecofeminista surgiu também em meados dos anos 70 do século XX, teve forte contribuição dos estudos franceses e indianos, mas firma base nos estudos norte-americanos. GEBARA (1997) destaca o papel de Fraçoise D'Eaubonne em prol das significativas alterações nas “relações entre homens e mulheres e a mudança de nossas relações com o ecossistema” (GEBARA, 1997, p. 9).

Igualmente a teoria feminista, a corrente ecofeminista luta em prol de discussões relativas a gênero, opressão e oposição ao patriarcado, todavia, engloba outras temáticas, como: proteção a natureza e respeito ao ‘outro’. O ‘outro’, como reflete WARREN (2000) corresponde a todos aqueles hipossuficientes da nossa sociedade, quais sejam: a criança, o negro, o idoso, a natureza, dentre outros.

No capítulo intitulado *Ethics in a Fruit Bowl*, WARREN (2000) traz para debate concepções que no seu entender corroboram para o tecer a ética ecofeminista, para tanto, destacamos a seguinte observação:

The second conditions is that nothing is part of an ecofeminist ethic – part of an ecofeminist quilt – that promotes sexism, racism, classism, naturism, or any other “ism of social domination”. Of course, people may disagree about what counts as a sexist act, racist attitude, classist behavior, or naturist policy. Still, the boundary conditions specify that an ecofeminist ethic must be anti-sexist, anti-racist, anti-classist, anti-naturist, and opposed to any “ism” that presupposes or advances a logic of domination. (WARREN, 2000, p. 99)¹

Assim, verifica-se que a postura da ética ecofeminista não é somente de oposição as práticas de opressão propostas contra os grupos hipossuficientes, mas também de propositura de extirpação dos ‘ismos’ sociais que geram segregação e práticas de dominação em nossa sociedade.

¹ A segunda condição é que nada é parte de uma ética ecofeminista - parte de uma colcha ecofeminista - que promove o sexismo, o racismo, classismo, naturismo, ou qualquer outro "ismo de dominação social". Naturalmente, as pessoas podem discordar sobre o que conta como um ato machista, a atitude racista, o comportamento classista ou política naturista. Ainda assim, as condições de limite especificar que uma ética ecofeminista deve ser anti-sexista, anti-racista, anti-classista, anti-naturista, e se opôs a qualquer "ismo", que pressupõe ou adiantamentos a lógica de dominação. (Tradução Livre).

Na obra em estudo, a todo momento, é invertido e distorcido o discurso prolatado pela personagem Branca Dias. O intuito na distorção é, a partir da observação da conduta do sacerdote, de levá-la a todo custo a uma punição.

Com essa perseguição, Branca Dias foi elevada ao grau de herege como eram levadas as bruxas na Idade Média. Nessa temática, GEBARA (1997) destaca a relação mulher e natureza como método considerado subversivo a prática social vigente, e assim menciona as opressões sofridas pelas mulheres e pela natureza quando propõe:

As bruxas foram consideradas símbolos do mal e da violência da natureza, capazes de provocar tempestades, doenças, matar crianças. A associação entre mulheres e natureza era clara. Por isso as mulheres desordeiras assim como a natureza em desordem precisam ser controladas. Isso justificou socialmente a caça às bruxas e a execução, obra de cultura, de milhares de mulheres em toda a Europa. (GEBARA, 1997, p. 10)

Desse modo, a relação entre a mulher e o meio natural, durante certo tempo, sempre esteve ligada a práticas de misticismo. O misticismo, no período medieval, foi uma das condutas abominadas pela Igreja Católica. Correspondeu assim a uma das práticas heréticas que eram dirigidas ao Tribunal do Santo Ofício para que fossem tomadas as condutas adequadas à época.

3 Análise

Na presente seção objetivamos centrar apontamentos que explicitem a ligação da obra em estudo com uma análise ecofeminista. As opressões relatadas na obra são das mais variadas situações. Trataremos primeiramente de alguns trechos da obra que refletem as opressões do feminino, *a posteriori* trataremos a discussão referente as opressões ligadas à natureza.

Na obra em análise, observa-se que o início do ‘contato’ do sacerdote com Branca Dias se dá a partir do ato de caridade proferido pela jovem: salvar o padre que estava se afogando. O gesto heróico foi realizado através de uma respiração boca a boca, um ato extremamente corporal/carnal, na visão do sacerdote, que trará conseqüências futuras determinantes para a relação entre os personagens.

PADRE BERNARDO

(Fora de cena, gritando.) Socorro! Aqui del rei!

Branca sai correndo. Volta, amparando Padre Bernardo, que caminha com dificuldade, quase desfalecido. Ela o traz até o primeiro plano e aí o deita, de costas. Debruça-se sobre ele e põe-se a fazer exercícios, movimentando seus braços e pernas, **como se costuma fazer com os**

afogados. Vendo que ele não se reanima, **cola os lábios na sua boca, aspirando e expirando, para levar o ar aos seus pulmões.**

PADRE BERNARDO

(De olhos ainda cerrados, balbucia.) Jesus... Jesus, Maria, José...

Ele se vai reanimando aos poucos. Abre os olhos e vê Branca, de joelhos, a seu lado.

PADRE BERNARDO

Obrigado, Senhor, obrigado por terdes atendido ao meu apelo desesperado... Não sou merecedor de tanta misericórdia. (Ele beija repetidas vezes um crucifixo que traz na mão.) Alma de Cristo, santificai-me; Corpo de Cristo, salvai-me; Sangue de Cristo, inebriai-me...

BRANCA

Achava melhor o senhor deixar pra rezar depois. Agora era bom que virasse de bruços e baixasse a cabeça pra deixar sair toda essa água que engoliu.

Ajudado por ela, ele vira de bruços e baixa a cabeça. Ela pressiona sua nuca, para fazer sair a água.

BRANCA

Se eu não chego a tempo, o senhor bebia todo o rio Paraíba... (GOMES, 2010, p. 33)

No início da narrativa, perante o Tribunal do Santo Ofício, a jovem cristã-nova é apresentada como estando nua, fato desmentido pela mesma. Posteriormente, a partir das indagações feitas pelo Padre Bernardo, Branca Dias afirma já ter se banhado no rio estando desnuda. O fato chocou o sacerdote, visto que, o corpo feminino não era pra ser exposto, salvo ao seu nubente. O corpo feminino, como diz PERROT (2003) é um espaço eivado das mais diversas significações eróticas e, deixando-o exposto, gera inúmeras censuras sociais. No caso, para Branca Dias, a imposição social da época – censura – culminou na sua entrega ao Tribunal do Santo Ofício, fato que resultou na sua condenação e morte, fundamentada nas práticas de heresias desenvolvidas pela jovem.

PADRE BERNARDO

Aqui estamos, senhores, para dar início ao processo. Os que invocam os direitos do homem acabam por negar os direitos da fé e os direitos de Deus, esquecendo-se de que aqueles que trazem em si a verdade têm o dever sagrado de estendê-la a todos, eliminando os que querem subvertê-la, pois quem tem o direito de mandar tem também o direito de punir. É muito fácil apresentar esta moça como um anjo de candura e a nós como bestas sanguinárias. Nós que tudo fizemos para salvá-la, para arrancar o Demônio de seu corpo. E se não conseguimos, se ela não quis separar-se dele, de Satanás, temos ou não o direito de castigá-la? Devemos deixar que continue a propagar heresias, perturbando a ordem pública e semeando os germes da anarquia, minando os alicerces da civilização que construímos, a civilização cristã? Não vamos esquecer que, se as heresias triunfassem, seríamos todos varridos! Todos! Eles não teriam conosco a piedade que reclamam de nós! E é a piedade que nos move a abrir este inquérito contra ela e a indiciá-la. Apresentaremos inúmeras provas que

temos contra a acusada. Mas uma é evidente, está à vista de todos: **ela está nua!**

BRANCA

(Desce até o primeiro plano.) **Não é verdade!**

PADRE BERNARDO

Desavergonhadamente nua!

BRANCA

Vejam, senhores, vejam que não é verdade! **Trago as minhas roupas, como todo o mundo. Ele é que não as enxerga!**

Padre sai, horrorizado.

BRANCA

Meu Deus, **que hei de fazer para que vejam que estou vestida?** É verdade que uma vez — numa noite de muito calor — eu fui banhar-me no rio... e estava nua. Mas foi uma vez. Uma vez somente e ninguém viu, nem mesmo as guriatãs que dormiam no alto dos jeribás! Será por isso que eles dizem que eu ofendi gravemente a Deus? Ora, o senhor Deus e os senhores santos têm mais o que fazer que espiar moças tomando banho altas horas da noite. Não, não é só por isso que eles me perseguem e me torturam. Eu não entendo... Eles não dizem... só acusam, acusam! E fazem perguntas, tantas perguntas! (GOMES, 2010, p. 29)

(...)

PADRE

Mas confessou que certa noite rolava na cama sem poder dormir...

BRANCA

Por causa do calor. Meu corpo queimava.

PADRE

E não podendo mais, levantou-se e foi mergulhar o corpo no rio, para acalmá-lo. Tirou a roupa e banhcou-se nua.

BRANCA

Era noite de lua nova. Nenhum perigo havia de ser vista. Nem mesmo podia haver alguém acordado àquela hora.

PADRE

Agora responda, Branca, lembrando-se de que está ainda diante de seu confessor: **que sentiu ao mergulhar o corpo no rio?** (GOMES, 2010, p. 49)

Além do fato da ‘exposição do corpo por Branca Dias’, é de fundamental discussão acerca da presença do sacerdote e, de forma indireta da Igreja Católica, instituição que figurou e figura como forte meio de regulação moral da sociedade. Entretanto, o sacerdote realiza procedimentos contrários aos expressos e defendidos pela instituição a que pertence. Ao ver Branca Dias no banho, o religioso exala os mais diversos sentimentos de luxúria em relação a jovem.

BRANCA

Porque até hoje ainda **não havia pensado que o meu gesto podia ser interpretado de outro modo.** (GOMES, 2010, p. 60)

Não podendo realizar tais desejos devido a sua posição social e religiosa, o Padre Bernardo vê como única saída para não se condenar a imposição de todos os seus ‘pecados’ a Branca Dias. Ao fazer isso, o sacerdote retira de si a culpa, impondo a um outro ser todos os seus desvios de conduta. A condenação de Branca Dias leva o padre a ter uma tranqüilidade, um sentimento de perdão.

PADRE

(*Caindo de joelhos.*) Finalmente, Senhor, finalmente posso aspirar ao **Vosso perdão!** (GOMES, 2010, p. 142)

A relação da personagem com o ambiente natural é destaque de Yan Michalski, no prefácio da referida obra. Detalhando essa vertente ambiental de Branca Dias, o crítico estabelece um contraponto com Zé-do-Burro (personagem d’O Pagador de Promessas[1960]), e assim diz:

Além desta trágica e obstinada luta contra um esmagador poder deturpador de valores, Zé-do-Burro e Branca têm em comum o seu admirável, simples e modesto humanismo. Ambos são cheios de vida, ambos têm uma espécie de solidez que lhes vem do **íntimo trato diário com a terra e a natureza** e ambos não pedem outra coisa senão viver com simplicidade, de acordo com os seus princípios, e cumprindo conscienciosamente a modesta e despretensiosa missão que acreditam ter recebido para cumprir na terra. (GOMES, 2010, p. 9)

N’O Santo Inquerito o contato com a natureza é visto por Branca Dias como um fato necessário para a vida do ser humano, como presença materializada de Deus. As afirmações feitas pela protagonista ao sacerdote não são vistas com bons olhos e em tudo ele passa a incluir uma interpretação diversa. É a partir desse momento que o mesmo passa a cogitar a heresia em Branca Dias e que a mesma necessita de uma purificação para a sua alma.

BRANCA

Não sei, não sei, não sei... Oh, a minha cabeça... Por que me fazem todas essas perguntas, por que me torturam? Eu sou uma boa moça, cristã, temente a Deus. Meu pai me ensinou a doutrina e eu procuro segui-la. Mas acho que isso não é o mais importante. **O mais importante é que eu sinto a presença de Deus em todas as coisas que me dão prazer. No vento que me fustiga os cabelos, quando ando a cavalo. Na água do rio, que me acaricia o corpo, quando vou me banhar.** No corpo de Augusto, quando roça no meu, como sem querer. Ou num bom prato de carne-seca, bem apimentado, com muita farofa, desses que fazem a gente

chorar de gosto. Pois Deus está em tudo isso. E amar a Deus é amar as coisas que Ele fez para o nosso prazer. É verdade que Deus também fez coisas para o nosso sofrimento. Mas foi para que também o temêssemos e aprendêssemos a dar valor às coisas boas. Deus deve passar muito mais tempo na minha roça, entre as minhas cabras e o canavial batido pelo sol e pelo vento, do que nos corredores sombrios do Colégio dos Jesuítas. Deus deve estar onde há mais claridade, penso eu. E deve gostar de ver as criaturas livres como Ele as fez, usando e gozando essa liberdade, porque foi assim que nasceram e assim devem viver. Tudo isso que estou lhes dizendo, é na esperança de que vocês entendam... Porque eles, eles não entendem... Vão dizer que sou uma herege e que estou possuída pelo Demônio. E isso não é verdade! Não acreditem! Se o Demônio estivesse em meu corpo, não teria deixado que eu me atirasse ao rio para salvar Padre Bernardo, quando a canoa virou com ele!... (GOMES, 2010, p. 32)

Ao incriminá-la pelo seu contato com a natureza, podemos retomar o discutido por GEBARA (1997) tecendo uma comparação com as bruxas medievais que apenas por terem uma experiência de vida mais aproximada aos elementos naturais eram consideradas como seres propagadoras do mal.

Muitos são os episódios trazidos na peça que remotam as mais distintas formas de opressão, seja contra a mulher ou a natureza. Devido a essa gama de violações, destacamos apenas alguns momentos para tecer comentários. Além desses dois sujeitos que sofrem as mais vastas violações, percebemos a opressão em relação a prática judaica, entretanto, não a abordamos no nosso estudo.

Conclusão

Finalizando, trouxemos para o debate que se exaure a obra *O Santo Inquirido* (1966), de Dias Gomes, com o propósito de centrarmos discussão na opressão do feminino e da natureza, trazendo algumas marcas de repressão que se fazem presentes ao longo de todo o enredo.

Para tanto, se fez de fundamental importância o aporte teórico trazido pelos estudos feministas e ecofeministas que nos apresentam dimensões que abordam conceitos e práticas de promoção do respeito, inclusão e lutas dos outros sociais que são discriminados, excluídos pela sociedade ao longo de um vasto lapso temporal.

Assim, a figura de Branca Dias e o cenário em que ela se faz presente são marcas de opressão da sociedade patriarcal que a partir de normas morais, religiosas e jurídicas tratam por restringir direitos de grupos ‘minoritários’², que a viver na margem da sociedade, totalmente dependentes dos grupos hegemônicos.

² Quando tratamos aqui em grupos ‘minoritários’ não tratamos em termos quantitativos, mas sim dos que sofrem pelas desvantagens promovidas pelos grupos hegemônicos socialmente. A hegemonia trata em buscar o silenciamento dos demais grupos, provendo as exclusões das mais variadas formas.

E é nesse contexto, de opressão, que encontra-se a figura do feminino e da natureza na obra em estudo. Como vimos, a figura feminina é apresentada como eivada de mácula, necessária de permanente vigilância para não disseminar o pecado para a coletividade que se encontra na sua volta. A natureza é vista por uma lente opaca, que observa o meio ambiente como local de misticismo, local proveniente de marcas de heresia.

Referências Bibliográficas

- 1] BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- 2] CÂNDIDO, Antônio. **Iniciação à Literatura Brasileira**. 6 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- 3] CÂNDIDO, Antônio [et al.]. **A Personagem da Ficção**. Coleção Debates. 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- 4] GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.
- 5] GOMES, Dias. **O Santo Inquerito**. 28ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2010.
- 6] PERROT, Michelle. **Os silêncios do corpo da mulher**. In: MATOS, Maria Izilda S. de (org.); SOIHET, Rachel (org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 13-27.
- 7] WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy: a western perspective on what it is and why it matters**. Ed. Rowman & Littlefield Publishers, 2000.

ⁱ **Adailson Wagner Sousa de VASCONCELOS, Mestrando** (Bolsista CAPES).
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)
Email: direito.letas@gmail.com

ⁱⁱ **Zélia Monteiro BORA, Profa. PhD. , Orientadora**.
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)
Email: zeliabora@yahoo.com.br